

DESENVOLVIMENTO

Ano será de obras e investimentos na indústria gaúcha

Estado se consolida como atrativo a projetos na área de tecnologia e inovação

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

As máquinas entrarão em campo, seja na produção ou no canteiro de obras em 2026. O setor industrial gaúcho avançará rumo a uma maior verticalização dos sistemas produtivos, especialmente em áreas consideradas estratégicas na economia. É o caso da cadeia de semicondutores que, em 2025, teve a confirmação do investimento de R\$ 1 bilhão da Tellescom Semicondutores, em Cachoeirinha, na Região Metropolitana de Porto Alegre, para um novo parque industrial especializado no encapsulamento de chips.

Em 2026, aponta o CEO da empresa, Ronaldo Aloise Junior, estão no horizonte os primeiros passos das obras na área definida para o projeto, que tem o início da produção previsto para o final de 2027 ou início de 2028.

"Vamos iniciar o processo de licenciamento, a execução dos projetos-base da sala limpa e iniciar a construção. Também planejamos para 2026 iniciar as contratações de pessoal técnico, além da instalação do nosso Centro de Desenvolvimento e Pesquisa", detalha.

A confirmação do projeto aconteceu na esteira da entrada em campo da Invest RS, agência criada pelo Estado para, além de atrair investimentos, promover justamente o desenvolvimento de cadeias estratégicas e no caminho



Complexo da General Motors em Gravataí iniciará em 2026 a produção do novo lançamento da montadora, o modelo SUV Sonic, anunciado em 2025

da verticalização em solo gaúcho. Com uma carteira de R\$ 10,9 bilhões em investimentos potenciais prospectados no primeiro ano da agência, para 2026, o objetivo da Invest RS será colocar o Rio Grande do Sul ainda mais no foco de investidores internacionais.

E aí a demonstração de que o Estado é atrativo para a área tecnológica é essencial. Por exemplo, em 2024 já havia acontecido a confirmação da "cidade dos data centers", o Scala AI City, em Eldorado do Sul, que pretende colocar o Rio Grande do Sul no mapa dos data centers com capacidade para a Inteligência Artificial.

O projeto avançou pouco em 2025 e a expectativa é de que, em 2026, os processos de licenciamento andem.

No caso dos semicondutores, o Estado acompanha o boom de investimentos no setor em todo o mundo. Há perspectiva, aponta Aloise, de crescimento de 120% da demanda global até 2030. Agora, como define o empresário, é o momento de semear este abastecimento. Pensando na verticalização, são aportes que fortalecerão, além das indústrias eletrônicas, o estratégico setor automobilístico.

A expectativa é que 2026 seja um ano chave no pacote de

investimentos de R\$ 1,2 bilhão da General Motors em seu complexo automotivo de Gravataí. Depois de duas paradas técnicas, é quando está prevista a entrada em campo das máquinas e robôs do complexo para produzir o novo modelo SUV anunciado. O Chevrolet Sonic terá seu lançamento neste próximo ano, possivelmente com motores turbo flex. Há uma expectativa de que o modelo, mais adiante, também tenha uma versão de motor híbrido, o que demandará ainda maior desenvolvimento tecnológico no complexo gaúcho.

Em outra direção, e igualmente fomentando os semicondutores

e a indústria de alta tecnologia, o canteiro de obras começa a tomar forma já no início de 2026 em Guaíba para a construção do Aerocentro Integrado de Tecnologia e Inovação, o Aerociti, liderado pela Aeromot, e que teve sua pedra fundamental lançada em 2025.

De acordo com a vice-presidente da empresa, Crístiane Cunha, a previsão de conclusão da primeira fase de obras é para o final de 2027, com uma pista de 1,4 mil metros e uma fábrica de aeronaves. "Ao todo são 10 anos, mas essa primeira fase é o que vai estar catalisando todo o restante do empreendimento", diz a executiva.

Aponte bilionário em fábrica de celulose toma forma com produção mais limpa e vertical



CMPC começará as obras da nova planta industrial em Barra do Ribeiro

O cronograma da CMPC para o seu Projeto Natureza, o maior investimento privado da história do Estado, prevê início das obras para erguer a fábrica de celulose em Barra do Ribeiro em 2026.

Será o ano em que o maior complexo industrial de celulose da América Latina começará a tomar forma, com a soma das áreas industriais da multinacional entre Guaíba e Barra do Ribeiro. A operação deve iniciar em 2029, completando três plantas industriais entre os dois municípios, totalizando capacidade de 4,9 milhões de toneladas de celulose.

Também neste setor, a verticalização da produção avança. Até o início da operação, serão 650 mil hectares de florestas plantadas. E aí, a preocupação com a produção

limpa e ambientalmente correta também é maior. Em Guaíba, a caldeira de carvão, por exemplo, foi desativada. Haverá ainda um laboratório fitossanitário que dará suporte à rede de produtores vinculados à multinacional e, mesmo indiretamente, também apontará soluções a outras áreas de florestas plantadas no Rio Grande do Sul.

Em Rio Grande, a produção industrial mais "verde" e pioneira no País terá um grande impulso em 2026. É previsto para o primeiro trimestre do ano a entrada em operação da unidade de FCC – considerada o coração do refino de combustíveis – da Refinaria Riograndense, para a produção de combustíveis e químicos renováveis. De acordo com o diretor-superintendente da Refinaria

Riograndense, Lício França Gomes, a etapa de estudos de viabilidade de concepção tecnológica da conversão das instalações para o refino de combustíveis renováveis nesta planta foi concluída. Agora, há avanços na modelagem econômico-financeira e na engenharia. Na outra unidade de refino da Petrobras no Estado, a Refinaria Alberto Pasqualini (Refap), em Canoas, o próximo ano também acentuará a prioridade na produção mais limpa com a implementação de uma unidade de hidrotratamento de diesel. E no Norte do Estado o processo de verticalização na produção mais "verde" também ganha reforço com a união das cooperativas Cotrisal, Cotrijal e Cotripal, formando a Soli3, em Cruz Alta, com aporte de R\$ 1,2 bilhão.